

SUBMERSÃO MELANCÓLICA

José Elton Dantas de Cardoso¹
Márcio Venício Barbosa²

Resumo: O processo de *coming out* é algo exclusivo às pessoas LGBTQIA+, assim como os malefícios que esse momento conturbado acarreta na vida delas. A taxa de depressão entre adolescentes *queers* é maior e mais recorrente do que em relação aos demais jovens heterossexuais e um dos motivos está no fato de não conseguirem aceitar suas respectivas sexualidades. Diante disso, para um melhor recorte, analisamos, sob a perspectiva da Literatura, como essas questões se apresentam em um personagem adolescente gay, Dimitri, protagonista do romance *Submerso* (2018), de Eduardo Cilto. Dimitri lida com uma melancolia que o acompanha há algum tempo, além do luto da perda da mãe e o florescimento de sua homossexualidade. Assim, para que isso fosse possível, recorremos a teóricos como Freud (2012), Foucault (1984), Madeleine Irish *et al* (2019), Cain (1991), Cass (1979) e Coleman (1982).

Palavras-Chave: Literatura Gay. Homossexualidade. Adolescentes. Depressão. Doenças mentais.

¹ Mestre em Literatura Comparada pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Endereço eletrônico: eltonkardoso@gmail.com.

² Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Professor Associado de Língua e Literatura Francesa na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Endereço eletrônico: marcio.barbosa@ufrn.br.

MELANCHOLIC SUBMERSION

Abstract: The coming out process is something exclusive to LGBTQIA+ people, as well as the harm that this troubled moment brings to these people's lives. The depression rates in *queer* teenagers is higher than the straight teenagers and one of the reasons is due the fact that these teenagers cannot accept their own sexualities. Therefore, for a better perspective, we analyze under the Literature perspective, how these questions portray a gay teen character, Dimitri, main character of *Submerso* (2018) by Eduardo Cilto. Dimitri deals with a melancholy that has been with him for some time, in addition to the grief of the loss of his mother and the flowering of his homosexuality. So, for this research, we resorted to theorists such as Freud (2012), Foucault (1984), Madeleine Irish et al (2019), Cain (1991), Cass (1979) e Coleman (1982).

Keywords: Gay Literature. Homosexuality. Teenagers. Depression. Mental health.

A MELANCOLIA HOMOSSEXUAL

Mesmo acompanhando nossa sociedade desde o início dos tempos, apenas na Modernidade que passamos a denominar “depressão” para se referir à doença mental que afeta pessoas há muito tempo; e, “homossexualidade” como denominação de uma sexualidade entre pessoas do mesmo gênero.

Foi somente nos anos 1990 que a Organização Mundial de Saúde categorizou a depressão como uma doença mental e a melancolia como um de seus estágios, isso consta na atualização da Classificação Internacional de Doenças (CID-10, 1993).

Já em meados de 1869, como mencionamos anteriormente, foi que Karl-Maria Kertbeny (*apud* HERZER, 1986)

cunhou o termo “homossexualidade” e “heterossexualidade”, diferenciando e, ao mesmo tempo, colocando cada uma enquanto sexualidades que conhecemos hoje.

A relação entre homens se faz presente desde a Antiguidade, em que os gregos tinham toda uma sistemática de como se dava tal relação, pois, uma vez que a homossexualidade e a prática de sodomia entre rapazes gregos eram consideradas como algo comum, tinha-se toda uma sistemática de como e por quem se dava essa relação. Foucault explicita melhor ao dizer que:

Inicialmente é preciso observar que as reflexões filosóficas e morais a propósito do amor masculino não recobrem todo o campo possível das relações sexuais entre homens. O essencial da atenção é focalizado numa relação “privilegiada” — núcleo de problemas e de dificuldades, objeto de cuidado particular: trata-se de uma relação que implica, entre os parceiros, uma diferença de idade e, em relação a esta, uma certa distinção de *status* (FOUCAULT, 1984, p. 172, *grifo do autor*).

Justamente por ser uma relação de privilégios, não era qualquer homem ou garoto que poderiam se entregar aos prazeres dos *aphrodisia*, havia distinções de limites de idade e *status* entre os envolvidos. Embora fosse aceita a prática de sodomia entre homens e rapazes na Grécia Antiga, havia toda uma espécie de ritual e normas que deveriam ser respeitadas, tanto pelo homem mais velho que tinha como uma de suas funções cortejar o rapaz mais novo, tal como o garoto também tinha suas obrigações nessa arte de corte (FOUCAULT, 1984).

Assim, é visível que a relação com essas temáticas foi modificada de acordo com as mudanças vivenciadas pela sociedade. A sodomia, no século XVIII passou a ser vista como crime cuja punição era a mesma aplicada a quem praticava o adultério, assim como a intolerância com os homosse-

xuais foi intensificada. Da mesma forma que a depressão passou a ser ainda mais negligenciada e tratada, muitas vezes, como “birra” das pessoas que demonstravam tais sintomas.

Isso contribuiu para que nossa sociedade ocidental acabasse gerando cada vez mais estigmas e preconceitos envolvendo tais assuntos, uma vez que as pessoas não sabem como agir ou não conseguem identificar uma pessoa com depressão, justamente pela falta de informação adequada. De forma semelhante, o preconceito e falta de informação, envolvendo a diversidade sexual acaba propagando violências das mais variadas formas contra aqueles que não se identificam com a heterossexualidade normativa.

Há quem defenda, como McPherson e Armstrong (2006), que a depressão, por exemplo, é, de fato, uma doença mental que somente no início do século XIX passou a ser patologizada pela Organização Mundial de Saúde (OMS).

Concomitante a isso, alguns estudiosos da área, como Madeleine Irish *et al* (2019) perceberam que pessoas LGBTQ³ têm mais probabilidade de desenvolver depressão, principalmente, durante a adolescência, em relação aos demais adolescentes heterossexuais e, em alguns casos, esses adolescentes depressivos chegam a um dos estágios mais graves da doença, a automutilação.

Na pesquisa desenvolvida por Madeleine Irish *et al*. (2019) com adolescentes dos 10 aos 21 anos de idade do Reino Unido, é possível ver dados comprovando que 12,9% dos adolescentes participantes são LGBTQ. Dentro dessa porcentagem, os dados apresentam 60,5% dos adolescentes com 16

³ Aqui, optamos por manter a sigla LGBTQ por referência ao que é usado pelos autores Madeleine Irish *et al*. em seu texto original. Reiteramos que a sigla atual se expandiu para LGBTQIA+ para que pudesse abranger mais sexualidades e gêneros.

anos e 49,9% dos jovens adultos com 21 anos tendo já vivido episódios de automutilação.

Ademais, gostaríamos de especificar que o fato de uma pessoa ser LGBTQ não implica, necessariamente, em desenvolver um quadro depressivo — até porque não há estudos comprovando isso —, tampouco associando o desenvolvimento de depressão por causa de sua orientação sexual. Assim como não concordamos e nem é nossa intenção associar, de alguma forma, a homossexualidade como uma patologia. Mesmo porque, a depressão ocorre também, e talvez até em maior escala, entre as pessoas heterossexuais normativas.

Entretanto, todos os estigmas e preconceitos que envolvem a homossexualidade podem gerar um quadro depressivo nesses adolescentes. Entre eles, o fato de viverem desde a primeira infância em uma sociedade heteronormativa, absorverem tais comportamentos e se questionarem, geralmente na adolescência, acerca de suas respectivas orientações sexuais. Isso pode gerar outros problemas como a auto-rejeição, baixa autoestima, melancolia, culpa, medo, entre outros fatores como o preconceito internalizado pelos jovens gays.

Malyon, sobre a homofobia internalizada, diz que:

O teor de homofobia internalizada torna-se um aspecto do ego, funcionando tanto como uma introjeção inconsciente quanto como um sistema consciente de atitudes e afetos acompanhados. Como um componente do ego, isso influencia na formação da identidade, autoestima, na elaboração de defesas, padrões de cognição, integridade psicológica e objetos de relações. As incorporações homofóbicas também embelezam o superego funcional e, desta forma, contribuem para uma propensão à culpa e a autopunição entre os homens

homossexuais (MALYON, 1982, p. 60, tradução nossa)⁴.

De acordo com Jay & Young (1977, *apud* NUNAN, JABLONSKI e FÉRES-CARNEIRO, 2010), cerca de 30% dos homossexuais, em algum momento de suas vidas, podem ter demonstrado atitudes ou sentimentos negativos com relação à própria homossexualidade.

Ainda mais, “na medida em que o preconceito diminui, o sujeito se sente mais livre para assumir sua orientação sexual, ao passo em que a visibilidade também tende a diminuir o preconceito internalizado” (NUNAN; JABLONSKI; FÉRES-CARNEIRO, 2010, p. 260).

Concomitante a esses autores, é possível notar que quando esses jovens gays se sentem mais confortáveis com sua sexualidade a ponto de querer “assumi-la” à sociedade e, enfim, abraçar quem de fato são, a sua relação com a depressão também vai melhorando gradativamente.

Entretanto, o *coming out*, longe de ser apenas uma “escolha”, está mais próximo de um processo, pois consideramos que não é um acontecimento inesperado, mas, gradual, construído conforme a vivência de cada sujeito e a forma como ele lida com todos os estigmas e preconceitos que vêm sendo internalizados por anos. Isso exige desses jovens gays que se destruam metaforicamente enquanto pessoas heteronormativas para que, então, seja possível se reconstruírem como homens homossexuais.

Paralelamente a isso, Sara Salih diz que:

⁴ Internalized homophobic content becomes an aspect of the ego, functioning as both an unconscious introject, and as a conscious system of attitudes and accompanying affects. As a component of the ego, it influences identity formation, self-esteem, the elaboration of defenses, patterns of cognition, psychological integrity, and object relations. Homophobic incorporations also embellish superego functioning and, in this way, contribute to a propensity for guilt and intropunitiveness among homosexual males (MAYLON, 1982).

Antes de tudo, teremos de nos livrar da noção de “liberdade de escolha”: uma vez que estamos vivendo dentro da lei ou no interior de uma dada cultura, não há possibilidade de nossa escolha ser inteiramente “livre”, e é bem provável que a “escolha” de nossas roupas metafóricas se ajuste às expectativas ou talvez às demandas de nossos amigos ou colegas de trabalho, mesmo sem nos darmos conta de que estamos fazendo isso. Além disso, o conjunto de roupas disponíveis será determinado por fatores tais como a nossa cultura, o nosso trabalho, o nosso rendimento ou o nosso *status* e origem social (SALIH, 2012, p. 72-73, *grifo do autor*).

Consoante à ideia do processo de *coming out*, alguns autores como Cass (1979), Coleman (1982), Ritter e Tendrup (2002, *apud* PACHANKIS; GOLDFRIED, 2004) criaram alguns modelos sobre esse processo partindo do princípio que alguns gays passaram por processos semelhantes. Todavia, tais processos não devem ser vistos como regra, pois, esses modelos visam apenas homossexuais brancos de classe média, não comportando LGBTQs de outras etnias ou classe social. Além disso, cada indivíduo pode ter suas experiências e razões motivadoras da aceitação de sua sexualidade fora dos modelos criados por esses pesquisadores.

Partindo do que foi exposto até o momento, analisamos esse processo sob uma perspectiva literária acerca do suposto quadro de depressão e da aceitação da homossexualidade vivenciada pelo personagem principal, Dimitri, do romance *Submerso* (2018), de autoria de Eduardo Cilto.

Um olhar (sobre) *submerso*

O romance *Submerso*, de autoria do paulista Eduardo Cilto (2018), tem como personagem principal o adolescente Dimitri, que, aos 16 anos de idade, mostra-se um tanto dife-

rente dos demais adolescentes: um sentimento de melancolia está presente nele, desde o início até o final da narrativa.

Cilto inicia seu romance apresentando-nos seu personagem, Demo — como é chamado por seus amigos —, dentro do banheiro de sua casa, ouvindo uma música melodiosamente triste, enquanto está fazendo algo que, até então, nunca tinha feito: pintar o cabelo de azul.

Em algumas culturas, como a norte-americana e em alguns países europeus, por exemplo, a cor azul é comumente associada ao sentimento de tristeza/melancolia, tal como o gênero *blues*, que apresenta, geralmente, melodias tristes. No Japão, a cor representa o luto. Além disso, o próprio apelido do personagem pode ser interpretado como metáfora a alguns dos demônios que o adolescente carrega consigo. Por fim, outra simbologia utilizada pelo autor e que consideramos significativa para o desenvolvimento do personagem, é a sua relação com a água. Ademais, em culturas ligadas ao Cristianismo e ao Hinduísmo, por exemplo, a água representa pureza, renascimento, cura, limpeza e purificação. Recorrendo a essas ferramentas simbólicas, o autor acaba por transmitir uma atmosfera de melancolia constante, como mencionado anteriormente.

Também, no começo do romance, sabemos que Dimitri perdeu sua mãe há pouco tempo e, claramente, ainda está lidando com o luto de uma pessoa tão importante em sua vida. Porém, ainda assim, é possível identificar, mesmo que nas entrelinhas do livro, que o motivo dessa tristeza é outro, ainda mais antigo que a morte de sua mãe. Algo que nem o personagem e tampouco o leitor, sabem ainda, mas que será abordado em breve.

Embora, para algumas pessoas, seja um pouco difícil diferenciar o luto da melancolia, Sigmund Freud já apresentou essa diferença em um de seus ensaios. Ele diz, em *Luto e melancolia*:

O luto, via de regra, é a reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela, como pátria, liberdade, ideal etc. Sob as mesmas influências, em muitas pessoas se observa em lugar do luto uma melancolia, o que nos leva a suspeitar nelas uma disposição patológica.

[...]

A melancolia se caracteriza por um desânimo profundamente doloroso, uma suspensão do interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, autoestima, inibição de toda atividade e um rebaixamento do sentimento de que se expressa em autorrecriminações e autoinsultos, chegando até a expectativa delirante de punição (FREUD, 2012, p. 452-457).

Dessa forma, para Freud, o luto é a consciência de lidar com algo cuja perda irreversível é conhecida pela própria pessoa, enquanto a melancolia é a tristeza por algo que nem se sabe se foi perdido ou não.

Partindo disso, estamos diante do que o personagem sente, de acordo com a definição de Freud, mas não com a intenção de fazer um estudo de caso, e sim uma análise da depressão como evento literário na constituição do personagem.

Tendo sempre em vista o protagonista, a primeira parte da análise irá se concentrar na melancolia que ele manifesta e, a partir daí, abordaremos uma ambientação mais ampla sobre o seu estado geral na segunda parte. Finalizando, serão apresentados alguns pontos de sua recuperação na narrativa.

Logo em suas primeiras páginas do romance, já é apresentado em Dimitri um certo sentimento de autorrejeição que o faz mudar sua aparência radicalmente ao pintar o cabelo de azul. Uma vez concluída a mudança, Demo reflete acerca de seu “novo eu” ao analisar a própria aparência como podemos ver na seguinte passagem:

É estranho, embora interessante, não reconhecer a si mesmo à primeira vista.

[...]

Perdi as contas de quantas vezes me peguei encarando meu reflexo, inconscientemente desejando ser outra pessoa. Meu antigo eu não existia mais, e não fazia sentido permanecer com a aparência de antes” (CILTO, 2018, p. 6).

Nessa passagem, além de reforçar o que fora dito acima por Freud sobre a sensação de rebaixamento de sentimentos, também é visível o desejo de mudança, do tornar-se uma outra pessoa.

Entretanto, tais sentimentos melancólicos serão recorrentes ao longo da narrativa, da mesma forma como se mantém constante, ainda que não totalmente claro, na vida do personagem. A seguinte citação exemplifica:

O meu “defeito” estava em um lugar muito mais distante, onde eu não tinha controle. Só havia uma pessoa capaz de compreender o que acontecia comigo nesses momentos, e esse alguém já não estava mais ao meu alcance para me dar conselhos (CILTO, 2018, p. 23).

Além de demonstrar uma autoconsciência sobre o seu “defeito” e que isso engatilha muitos de seus momentos de crise, também há algo que intensifica ainda mais essa tristeza: o luto pela mãe. Dimitri sente que apenas a mãe poderia entendê-lo naquele momento, que apenas ela poderia saber o que era esse tal “defeito”. Da mesma forma que reconhece que a sensação de tristeza vem muito antes da perda de sua progenitora.

As crises de tristeza de Demo são conhecidas em sua família, no caso, seu pai e seu avô, da mesma forma que fica subentendido que ele já passou por alguns tratamentos psicológicos, porém sem muitos resultados. Isso aumenta a frustração do próprio adolescente sobre si mesmo, e o faz

sentir também a frustração vinda do pai ao se esforçar para ajudar o filho sem ter muito sucesso. Tal situação ativa mais gatilhos negativos no personagem que o fazem ter pensamentos como:

Em dias como aquele, não me sinto eu mesmo. É como se, de tempos em tempos, outra pessoa assumisse o controle da minha mente e eu passasse a observar a vida através de uma janela. Estou nulo, não há sentimentos bons, sequer vontades. A angústia domina meu peito e sobe até a garganta, fazendo com que meu sistema nervoso aja como se eu estivesse em uma situação de risco. Meu estômago revira e sinto as lágrimas brotando, mas me seguro para não deixar que escorram. No celular, vejo minhas fotos sorrindo e não reconheço aquela pessoa. Sou apenas uma sombra do que fui no dia anterior, como se minha personalidade se desassociasse sem motivo aparente e eu caísse num poço vazio e sem fim (CILTO, 2018, p. 26).

Mais uma clara exemplificação do sentimento de melancolia profunda. Dimitri demonstra que a sensação de não se reconhecer mais como um indivíduo é frequente. Ele não consegue experimentar qualquer sentimento ou emoção positiva, apenas tristeza, angústia e sofrimento. A melancolia o dominou.

O ápice dessa melancolia profunda é apresentado quando o adolescente aceita passar por mais um tratamento alternativo e, em uma de suas sessões com sua nova psicóloga, ele desabafa após algumas experiências terem provocado outra crise. Como vemos no excerto seguinte:

Vivia com os olhos inchados e vermelhos de tanto chorar, me corroendo e apagando quem eu era, até o dia em que cansei de sofrer. Passei a sair com meus amigos quase todas as noites, fiz da rua uma extensão da minha casa e do trabalho. Bebia sempre que podia, fumava alguns cigarros e arrumava

confusão com qualquer um que ousasse me criticar. Tudo isso para preencher o vazio que se instalou dentro de mim após a morte da minha mãe. Em uma manhã, ao chegar em casa depois de uma dessas noites, desabei no chão do banheiro, o mármore frio me fazia tremer enquanto eu me debruçava enojado e enojado diante da privada tentando tirar o álcool do meu corpo. Não adiantava nada tentar fugir da tristeza se aquilo era tudo o que restava em mim. Coloquei na cabeça que eu era o problema e, enquanto vivesse naquele corpo, naquela vida, as coisas sempre seriam daquele jeito.

— E o que aconteceu depois? — pergunta ela, com a voz cheia de empatia.

— Tentei cortar os pulsos (CILTO, 2018, p. 75).

Mais um exemplo claro de melancolia profunda que se intensifica e se mistura ao sentimento de luto pela mãe. O personagem se propõe entrar em situações de risco, de autoinsulto, de autodepreciação ao consumir álcool e entorpecentes de maneira irresponsável, que são características de homofobia internalizada (NUNAN; JABLONSKI; FÉRES-CARNEIRO, 2010). Chega mesmo a uma situação extrema que é a automutilação para tentar minimizar e se afastar, mesmo que metafóricamente, de seu eu atual triste, vazio e irreconhecível.

A partir da revelação de tamanho segredo a sua terapeuta, pode-se dizer que Demo sente parte de seus demônios serem exorcizados e sua relação consigo próprio melhora gradativamente a ponto de ficar visível para alguns de seus amigos que a mudança é significativa, o que é motivador para o garoto, como ele especifica: “É difícil para quem está no processo de mudança perceber que está realmente melhorando e entender a pessoa que é, então, não consigo deixar de ficar feliz com o comentário” (CILTO, 2018, p. 99).

Tal mudança na personalidade e humor do personagem também ocorre por meio de metáforas já utilizadas pelo

autor. Já se disse que Dimitri carregava consigo uma forte sensação de não reconhecimento como indivíduo. Havia nele um forte desejo de mudar, de não ser mais aquela pessoa triste e depressiva. Daí a necessidade de renascer, de purificar-se, de tornar-se um novo Dimitri.

Concomitantemente, nas primeiras páginas do romance esse primeiro desejo é apresentado quando o protagonista pinta o cabelo de azul, e, ao tirar os resíduos de tinta que se misturam à água que escorre do chuveiro por todo o seu corpo até o ralo do banheiro, ele tem um momento de reflexão a ser exemplificado na seguinte passagem:

O cheiro forte da química penetra minhas narinas e faz com que meus olhos ardam quando o líquido azul-celeste escorre pelo meu rosto. É como se aquela velha parte de mim estivesse simbolicamente partindo, desgrudando de minha alma e descendo pelo ralo do chuveiro. Um destino infeliz para algo que havia moldado quem eu era, mas as coisas ruins sempre desciam pelo esgoto e, naquele momento, eu me considerava ruim por inteiro (CILTO, 2018, p. 5).

Assim como a constante sensação de melancolia, de autorrejeição, que, segundo Coleman (1982) pode ocorrer diante do processo de amadurecimento de sua homossexualidade como forma de defesa presente na personagem, há também uma sensação de transformação, de purificação pela água, de renascimento ao ver misturar os restos de tinta azul com a sujeira de seu corpo e traços ruins de sua atual personalidade se esvaindo pelo esgoto.

Porém, este não é o único momento de purificação e transmutação vivenciada pelo personagem. Ao sentir que de fato está melhorando com o novo tratamento, aos poucos Dimitri vai quebrando algumas barreiras em seu comportamento. Se, inicialmente, o fato de ter pintado o cabelo de azul foi para fugir de si mesmo e de quem realmente era — além de a cor remeter à tristeza e melancolia que sentia no

momento — à medida em que ele melhora, o cabelo vai desbotando, passando a informação de que a tristeza também está indo embora, conforme vemos na passagem em que Henrique repara no cabelo de Dimitri e este diz: “é porque estou melhorando psicologicamente, então, ele está voltando ao natural — brinco” (CILTO, 2018, p. 116).

Outrossim, Demo passa a ter mais clareza sobre suas ações, atitudes e comportamentos e em um determinado momento da narrativa, ele percebe que está se limitando a vivenciar coisas que sempre quisera viver, mas não o fazia por medo de ser repreendido pelas pessoas que conviviam com ele e que ele se importava. E esta mudança se mostra constante, como o protagonista exemplifica:

Era familiar observar certas coisas à distância e me privar de determinados sentimentos com medo das consequências, me preocupando com o bem-estar do meu pai e dos meus amigos e esquecendo por completo o que a falta daquelas experiências me faria (CILTO, 2018, p. 109).

Decidindo mudar esse padrão em seu comportamento, ele se entrega à experiência, com os amigos, de coisas que sempre teve vontade de fazer, como um simples banho de mar, por exemplo, mas se privava de ter tais oportunidades. Ao viver essas novas experiências, ele sente-se cada vez melhor e mais feliz, e, após sair do mar, menciona: “agora, me sentia melhor do que em qualquer outro momento da minha vida, não poderiam me castigar por algo que faz com que me sinta tão bem” (CILTO, 2018, p. 111). De novo, a água “purificando” e fazendo-o se livrar de atitudes que o distanciavam de seu verdadeiro eu. Cirlot menciona que “Imergir na água significa um retorno a um estado pré-formal, com uma sensação de morte e aniquilação de um lado, mas de renascimento e regeneração de outro, uma vez que a submersão

intensifica a força vital” (CIRLOT, 1971, p. 365, tradução nossa)⁵.

Além de o tratamento psicológico estar ajudando bastante o garoto a se autoconhecer e romper padrões ruins de comportamento, também há outros fatores que contribuem para intensificar tal melhora: o florescimento de sua sexualidade.

Essa percepção acerca de sua orientação sexual se enquadra no primeiro estágio do processo de *coming out*, segundo a teoria de Cass (1979) em que diz que esse processo se inicia quando a própria pessoa passa a questionar e reconhecer seu comportamento e/ou traços de sua personalidade como algo socialmente visto como homossexual.

A demora desse despertar pode se dar pelo fato de Dimitri passar muito tempo lidando com seus demônios internos que o faziam se reprimir de todas as formas possíveis — o que pode ter contribuído para que tais questionamentos não tivessem vindo à tona em momentos anteriores —, e só então, quando ficam mais claros e intensos seus desejos afetivos por seu colega de quarto, Henrique, é que ele atenta para essa questão, começando a perceber comportamentos homoafetivos em si. Na citação a seguir, fica mais claro tal momento:

Passei tanto tempo reprimindo desejos e afastando pensamentos que é difícil assimilar que o garoto ao meu lado acaba de dizer que eu o fazia se sentir confuso quanto aos seus sentimentos. O que ele não sabe é que ele também desorienta meus sentimentos. Na verdade, sempre fui muito perdido quando se trata de sexualidade. Nunca me senti atraído pelas pessoas da mesma maneira que meus amigos (CILTO, 2018, p. 119).

⁵ Immersion in water signifies a return to the preformal state, with a sense of death and annihilation on the one hand, but of rebirth and regeneration on the other, since immersion intensifies the life-force.

Em virtude disso, fica nítido para Dimitri que a sua própria sexualidade sempre o deixou confuso. Da mesma forma, ele sempre reconheceu que o tratamento que recebia dos amigos com quem se relacionava não o representava, devido ao fato de eles serem heterossexuais.

A partir desse episódio, os dois garotos passam a namorar e fica ainda mais visível a sua felicidade. Aparentemente bem resolvido com seus sentimentos após entender sua sexualidade, Demo para de se reprimir e também de desenvolver características de homofobia internalizada que, certamente, alimentavam os supostos sintomas de depressão há muito sentidos por ele. Uma vez que a auto rejeição também faz parte do processo de *coming out* (COLEMAN, 1982).

O protagonista redescobre sentimentos há muito desaparecidos de sua vida e se dá conta de que isso lhe era proporcionado por um garoto, como ele diz: “Seus olhos reluzem e me transmitem confiança e tranquilidade, coisa que jamais esperei que fosse descobrir nos olhos de outro garoto” (CILTO, 2018, p. 121). A autoaceitação, oriunda do desenvolvimento de olhar para si de forma mais positiva, categorizada como parte do quarto estágio do processo de *coming out*, o garoto consegue, então, se aceitar e deixar a confusão característica do primeiro estágio de lado (CASS, 1979). Ficando mais perceptível nessa passagem: “Não importava o que eu era, eu só precisava ser” (CILTO, 2018, p. 127).

Tendo passado por alguns estágios do processo de aceitação de sua homossexualidade, Dimitri sente-se, então, suficientemente confortável com quem é, para viver o seu momento de *coming out* com sua melhor amiga Clarissa e, de forma indireta, com o seu pai, que acaba ouvindo por trás da porta do quarto.

Esse comportamento de Demo também é visto como parte do processo de *coming out*, uma vez que se espera a ocorrência desse momento com pessoas com quem o garoto

tenha confiança para se abrir, assim, podem ser amigos, familiares próximos e, até mesmo os pais, mesmo que a princípio só revelem informações previamente selecionadas (SIM-MEL, 1950 *apud* CAIN, 1991).

A certeza de sua sexualidade é reforçada na despedida de seu amigo Bernardo, quando Demo reflete:

Bernardo se aproxima e me abraça, sinto o cheiro forte do seu perfume e penso em todas as vezes que aquele mesmo cheiro me fez ter pensamentos que não conseguia entender muito bem na época. Depois de beijar Henrique, tudo havia se encaixado (CILTO, 2018, p. 154).

Com isso, verificamos, de fato, a dúvida sobre a sexualidade de Dimitri sempre foi algo constante em sua vida, fazendo-o sentir-se desconfortável nas mais diversas situações, levando-o ao conflito interno, à sensação de não pertencimento, à autorrejeição, e à melancolia, resultando em depressão e, até mesmo, automutilação. Tudo isso, justamente por não conseguir entender totalmente seus sentimentos ou por quem os sentia e por não perceber que isso ia para além do luto por sua mãe, estopim de tantos sentimentos.

Em virtude de todo esse processo pelo qual o personagem principal teve de passar, na leitura do romance de Eduardo Cilto fica notável que, conforme Dimitri vai se autoconehecendo, a sua melancolia vai diminuindo constantemente.

Como já foi dito, a homossexualidade não é causa inequívoca de depressão, ou seja, não se fica deprimido apenas por ser gay, mas isso pode ocorrer — e até mesmo de forma exacerbada — devido à repressão social à homoafetividade e à rejeição da sexualidade.

Após todos esses acontecimentos, nosso personagem principal passa a experimentar sentimentos inéditos para ele: se no começo do romance ele não conseguia “se ver”, com o desfecho da história e de sua jornada de auto aceitação, ele

consegue ser feliz pela primeira vez, assim como consegue imaginar um futuro para si, algo que, em outros tempos, pareceria impossível de acontecer. Deparamo-nos com essa felicidade ao final do romance:

Pela primeira vez na vida, consigo realmente imaginar um futuro em que estou rodeado de pessoas que amo e completamente feliz. Posso estar nessa luta diária. Na verdade, acho que sempre batalharei para me sentir bem. Sei que não é fácil e que a tristeza não irá embora da noite para o dia, mas estou grato por estar vivo para poder continuar (CILTO, 2018, p. 189).

Diante do que foi apresentado, pudemos acompanhar a trajetória de Dimitri em lidar com seus demônios internos decorridos de perdas e lutos recentes, mas também, com o seu amadurecimento ao passar pelo longo processo de descoberta de sua homossexualidade, até que pudesse, então, ter o seu momento de *coming out*. Durante a nossa análise, pudemos identificar que, muitas vezes, o processo começa bem antes de a pessoa ter percepção de que foi iniciado e o quão problemático e turbulento pode ser se reprimir durante anos. Isso corroborou para o desenvolvimento, em nosso protagonista de uma depressão, tendo como seu estopim a morte de sua mãe, trazendo à tona comportamentos auto-destrutivos. Além disso, pudemos notar nesta obra de ficção que parte das teorias científicas sobre o processo de *coming out* se aplica à personagem analisada sob a óptica da Literatura, contribuindo assim para futuras discussões acerca do tema.

Referências

CAIN, Roy. Stigma management and gay identity development. *Social work*, v. 36, n. 1, p. 67-73, 1991.

- CASS, Vivienne C.. Homosexuality Identity Formation. *Journal Of Homosexuality*, [s.l.], v. 4, n. 3, p. 219-235, 24 abr. 1979. Informa UK Limited. http://dx.doi.org/10.1300/jo82v04n03_01.
- CILTO, Eduardo. *Submerso*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.
- CIRLOT, J.E., *A dictionary of symbols*. 1971.
- COLEMAN, Eli. Developmental stages of the coming out process. *Journal of homosexuality*, v. 7, n. 2-3, p. 31-43, 1982.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres*. 9. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- FREUD, Sigmund. *Luto e Melancolia*. São Paulo: Cosac Naify, 2012. Edição do Kindle.
- HERZER, Manfred. Kertbeny and the Nameless Love. *Journal Of Homosexuality*, [S.L.], v. 12, n. 1, p. 1-26, 7 mar. 1986. Informa UK Limited. http://dx.doi.org/10.1300/jo82v12n01_01.
- IRISH, Madeleine et al. Depression and self-harm from adolescence to young adulthood in sexual minorities compared with heterosexuals in the UK: a population-based cohort study. *The Lancet Child & Adolescent Health*, [s.l.], v. 3, n. 2, p. 91-98, fev. 2019. Elsevier BV. [http://dx.doi.org/10.1016/s2352-4642\(18\)30343-2](http://dx.doi.org/10.1016/s2352-4642(18)30343-2).
- MALYON, Alan K.. Psychotherapeutic Implications of Internalized Homophobia in Gay Men. *Journal Of Homosexuality*, [s.l.], v. 7, n. 2-3, p. 59-69, 5 jun. 1982. Informa UK Limited. http://dx.doi.org/10.1300/jo82v07n02_08.
- MCPHERSON, Susan; ARMSTRONG, David. Social determinants of diagnostic labels in depression. *Social Science & Medicine*, [s.l.], v. 62, n. 1, p. 50-58, jan. 2006. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.socscimed.2005>.
- NUNAN, Adriana; JABLONSKI, Bernardo; FÉRES-CARNEIRO, Terezi-nha. O preconceito sexual internalizado por homossexuais masculinos. *Interação em Psicologia*, [s.l.], v. 14, n. 2, p. 255-262, 31 dez. 2010. Universidade Federal do Paraná. <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v14i2.12212>.
- Organização Mundial da Saúde (1993). *Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde-Décima Revisão*

(CID-10). São Paulo, EDUSP/ Centro Colaborador da OMS para Classificação de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde.

PACHANKIS, J. E.; GOLDFRIED, M. R. Clinical Issues in Working with Lesbian, Gay, and Bisexual Clients. In: HILSENROTH, Mark. *Psychotherapy: theory, research, practice, training*. Washington, Dc: Psycarticles, 2004. p. 227-246.

SALIH, Sara. *Judith Butler e a Teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

[Recebido: 22 set. 2021 — Aceito: 20 out. 2021]